

Recessão fecha as pequenas lojas

André Luiz Ramos

Arthur Herdy

Recessão, queda nas vendas e aluguéis altos. Esses são os ingredientes que estão levado os comerciantes dos shopping centers de pequeno e médio porte a fechar as portas. O Super Center Venâncio 3.000 é um exemplo de que a crise chegou também ao setor. Lá, mais de 30% das lojas estão fechadas. Nos outros centros comerciais acontece o mesmo. Nas portas de várias lojas, um destaque: "Aluga-se esse imóvel".

"Isso aqui vai acabar virando um verdadeiro elefante branco", afirma Miralva Gomes de Souza, gerente da JOB Informática no Venâncio 3.000. Em princípio, ela culpa a crise pelas baixas vendas e o excessivo preço dos aluguéis comerciais, reajustados trimestralmente. "No momento, o índice de reajuste está acima de 200% e não há quem possa agüentar nessa época de vacas magras", afirma.

Nos corredores do amplo prédio de 15 andares — acima do primeiro andar funciona a Eletronorte — as provas do que afirma a gerente da empresa de informática são flagrantes. No mezanino, a Monasa Consultoria não resistiu aos aluguéis. Fechou 14 lojas alugadas durante anos. Ao lado, outros estabelecimentos seguiram o exemplo e apontam as consequências da crise.

Replant, Blecaute, Akron Jóias, Poko Pano, Léo Cabelereiro, Roupas Profissionais, Pélifé Modas, Restaurante Pafa's, Artefesta, Bar Cambalachão, Sininho Mágico, Traje e Companhia, Bruna, Ramalhete, Confecções Gida e Só Colcha são algumas das firmas que não resistiram à queda das vendas e os aluguéis. Muitas lojas fechadas não têm mais os letreiros e, assim, não é possível identificá-las.

Retorno

O irmão mais velho do Venâncio 3.000, o Super Center Venâncio 2.000 — os dois são do empresário Antônio Venâncio da Silva que tem como característica empresa-

rial não vender as salas e lojas, mas alugá-las — também sobre os efeitos da recessão e da queda das vendas. São várias lojas fechadas e, outras, que seguirão o mesmo caminho, segundo afirmam os empresários.

Já esvaziado depois que os funcionários da Eletronorte foram transferidos para o shopping do mesmo grupo, o Venâncio 3.000 sofreu no final do ano passado uma baixa que deixou marcas até hoje: a loja âncora Arapuã, a maior do centro comercial, fechou as portas. Deixou vazia uma área maior que 40 lojas juntas.

Os altos aluguéis são duramente criticados pelos empresários. "Daqui a três meses não sei se ainda estarei aqui. Do jeito que estão subindo os aluguéis, com as baixas vendas, está difícil subsistir", disse Arismar Antônio de Souza, proprietário da Bicota Lanches. Ele paga Cr\$ 220 mil mensais por um quiósque no meio de um corredor.

Outro empresário afirma que no momento não há dinheiro no bolso do povo. "Assim, as vendas tendem a cair. Em contrapartida, os aluguéis sobem a olhos vistos de três em três meses", afirma Clóvis Silveira, gerente de uma loja de sapatos. Ele reclama que o investimento empresarial naquele centro comercial não está tendo retorno.

"Pagamos aluguel, condomínio, impostos, telefone, empregados e, no final, não sobra nada. Em muitos casos estamos tirando dinheiro do nosso bolso para manter as aparências. Assim, é melhor cerrar as portas", disse.

No Venâncio 2000, são dezenas as lojas e salas fechadas pela crise econômica. A Loja Tec's, por exemplo, reduziu sua área em 30%. Outras se preparam para fazer o mesmo, ou se mudar para outro local. "Infelizmente não está dando para cumprir os nossos compromissos. O jeito é procurar um lugar onde o aluguel seja mais barato. Mesmo que seja em uma cidade-satélite", disse Geraldo Costa Brava, há oito anos no shopping.



A Galeria dos Estados é uma exceção. Os comerciantes não enfrentam problemas com aluguéis caros